

PALESTRA - PROF. CÉSAR LA ROCCA

ESPECIALISTA DA UNICEF

PROJETO "MENINOS DE RUA"

EM 10.06.85 - AUDITÓRIO MOBRAL - 11º ANDAR

Em primeiro lugar, eu quero externar o meu agradecimento pessoal do Projeto Meninos de Rua, por este convite, esta oportunidade que nós tivemos de tentar repasar aos amigos e aos colegas presentes, o espírito deste projeto, mas eu gostaria mais ainda de agradecer em nome dos meninos de rua que tiveram a possibilidade de fazer ouvir a sua voz, hoje à tarde aqui neste auditório, e para um grupo de técnicos evidentemente preocupados com a vida da criança brasileira.

O projeto de alternativas de atendimento de meninos de rua, eu não tenho medo de confessar que nasceu quase que por acaso. Em 82, um grupo de técnicos, oriundos de 3 instituições, uma internacional que é o Fundo das Nações Unidas para a Infância e 2 brasileiras, isto é, a Secretaria de Assistência Social do Ministério da Previdência e Assistência Social e a Funabem que é o órgão específico para o bem-estar do menor neste país, estavam percorrendo o Brasil procurando identificar qual era a natureza do trabalho de atendimento à criança carente neste país. E uma noite depois de um dia de trabalho, eles se encontraram em Fortaleza, pararam para comer alguma coisa no restaurante com as mesas na calçada e daí a pouco as crianças começaram a chegar. Quer graxa, freguês? Quer comprar amendoim? Quer me dar um pouquinho do seu sanduíche? E este colega da UNICEF perguntou aos colegas brasileiros: e para este tipo de menino o que é que existe no Brasil? E os meus colegas, depois de ter pensado, tiveram de responder: a nível oficial, nada de específico para os meninos e meninas de rua.

E foi daí que a finalidade da viagem foi modificada e as pessoas começaram a procurar experiências de atendimento específico a este tipo de garotos e meninas que buscam nas ruas, nas praças do Brasil os meios de sua própria subsistência. E foi assim que eles identificaram 5 experiências inicialmente, que trabalhavam com meninos e meninas de rua. Depois conseguiram catequizar suas respectivas instituições, para que se partisse para um projeto específico no Brasil para este tipo de criança. E foi assim que depois de muita luta o projeto foi formalizado em janeiro de 83, em que as 3 instituições se comprometiam mutuamente em colocar recursos humanos, apoio administrativo e recursos financeiros para a operacionalização deste projeto, cujos objetivos iniciais eram extremamente modestos.

Em primeiro lugar, identificar programas específicos para crianças de rua. Em segundo lugar, registrar as várias metodologias usadas pelo programa e em terceiro lugar, divulgar os conhecimentos adquiridos, tentando também enuclear alguns princípios básicos de atendimento, extraíndo-os da prática de quem estava fazendo. Acontece que durante a caminhada as coisas aconteceram à revelia dos planejadores. E o projeto se revelou do ponto de vista técnico, um não projeto. Ou se vocês preferirem, um projeto de cabeça para baixo.

E vocês vão verificar o quanto isso seja verdadeiro. Técnicos como vocês, sabem perfeitamente que um projeto, na sua acepção tradicional, é geralmente elaborado por técnicos levados às bases para que as mesmas o executem.

No Projeto Meninos de Rua, aconteceu exatamente o contrário. Nós fomos à base para descobrir como se trabalha com meninos de rua, e fomos apreendendo com quem estava fazendo.

Em julho de 83, seis meses depois (7), nós tínhamos identificado 70 experiências que trabalhavam com meninos e meninas de rua. A grande maioria, na área particular. Algumas delas inclusive interessantes, na área oficial. Hoje o projeto conhece diretamente 303 experiências que trabalham com meninos e meninas de rua. 15% das quais posteriores à ação do projeto. Isto é, significa que, o projeto estimulou o surgimento de programas alternativos de atendimento. Gostaria de colocar em evidência o fato fundamental que levou as três instituições a enveredarem por este caminho.

Chega de enuclear outras alternativas. De inventar outros princípios pedagógicos. Chega de espremer o cérebro para tentar ter criatividade quando o povo brasileiro tem uma criatividade imensa, e muitas dessas experiências baseadas nas próprias comunidades, tinha apresentado elementos de atendimento, elementos educativos, pedagógicos extremamente interessante.

Portanto, com muito maior humildade, do que normalmente se faz quando se tenta trabalhar na área social e muito mais na área da criança carente, o projeto se dispôs a aprender com as pessoas que estavam trabalhando. E hoje o projeto está em condições de divulgar os conhecimentos adquiridos através de uma bem estruturada série de documentação, que não está sendo usada para ser jogada nos baldes de lixo. Mas as pessoas devidamente orientadas estão utilizando esses documentos aos quais vocês terão acesso depois, como elemento básico para 3 atitudes fundamentais.

Em 1º lugar verificar sua própria experiência à luz da experiência dos outros.

Em segundo lugar adequar o programa a determinados princípios, que já foram extraídos da prática de quem está trabalhando com sucesso, com meninos e meninas de rua.

Em terceiro lugar implantar um programa novo de atendimento a meninos e meninas de rua.

Se eu perguntar a vocês quem é este menino, todo mundo saberia me responder. Evidentemente aliás por falar em responder, eu gostaria de abrir um parêntese:

Aquilo que é importante colocar em evidência é esta postura do projeto. Isto é, vamos chamá-lo ainda tradicionalmente de projeto, mas vocês vão verificar no curso da nossa conversação que tradicionalmente não se trata de um projeto.

Como é que está organizado o projeto? Em primeiro lugar é importante lembrar que o projeto sempre se dispôs, desde o primeiro instante a aprender com quem estava fazendo. Então a organização atual do projeto é esta:

Um grupo assim chamado, dirigente, é formado pelos titulares dos três órgãos. O representante no Brasil da UNICEF, o Secretário de Assistência Social da Secretaria do Ministério da Previdência e o Presidente da Funabem.

Logo em seguida, nós temos um grupo de coordenação que é formado por técnicos oriundos das 3 entidades. Hoje são 5 técnicos. E ao lado do grupo de coordenação, nós temos o assim chamado grupo de apoio. Desde o primeiro instante, depois dos primeiros levantamentos in loco, este grupo de apoio foi colocado ao lado do grupo de coordenação.

Quem são os membros do grupo de apoio? São pessoas que estão com as mãos na massa, trabalhando diretamente com meninos e meninas de rua, e que garantem uma assessoria permanente ao grupo de coordenação em termos de atendimento, participação da comunidade e anseios e necessidades reais dos próprios meninos. Geralmente o grupo de apoio se reúne 4 vezes por ano dando esta osmose permanente entre coordenação e apoio, está a garantia da natureza essencialmente comunitária do projeto.

Qual é o instrumental de trabalho, a ferramenta de trabalho do projeto? Eu disse

que inicialmente os objetivos eram extremamente modestos, mas para conhecer quem estava trabalhando na base. O projeto desde o início começaria fazer encontros ou seminários.

O 1º seminário já deu a idéia, foi um termômetro para medir a temperatura dos programas. Em 1º lugar qual foi o 1º elemento que emergiu desde o 1º seminário? O elemento que se chama desconfiança em relação a estas siglas. A comunidade começou a questionar o que este órgão de gringos quer? O que é que os gringos querem neste tipo de trabalho, com uma proposta tão aberta tão comunitária. E também o ministério e a Funabem? Quando o governo mete a cara nas coisas a gente só faz para modificar à seu gosto aquilo que agente está fazendo e muitos destas experiências nunca quiseram assinar um convênio para evitar a ingerência do Estado em seu próprio trabalho em sua própria metodologia. Então a la, grande dificuldade foi trabalhar, lidar com este elemento, a desconfiança da comunidade.

Qual foi a postura do grupo de coordenação? Nós sempre dissemos abertamente para as pessoas que participaram do Seminário, até hoje nós podemos garantir que temos liberdade. Amanhã a gente não sabe.

Vamos aproveitar o momento histórico, hoje, dá pra trabalhar com essa proposta aberta, democrática, participativa, amanhã a gente não sabe se vai continuar. Cada um oriundo de uma das 6 instituições dizia: hoje eu garanto que a minha instituição permite esse tipo de trabalho, amanhã a gente não pode garantir. E assim fomos aos poucos vivendo e lidando com esse elemento extremamente difícil de se lidar que é a desconfiança das pessoas antes de dizer, vamos trabalhar com vocês. Então o afeamento de trabalho desde o início continua sendo os seminários nos quais a gente reúne entre 30 e 40 pessoas no máximo, geralmente 30 para discutir metodologia de atendimento a meninos de rua. As pessoas eram das mais diferenciadas proveniências. Da área oficial, da área particular, órgãos não diretamente vinculados à problemática da criança e pessoas individuais que estavam lá à título pessoal, porque estavam interessados no assunto. Durante o seminário se debatia qual é o problema de meninos e meninas de rua, qual era a característica. Segundo, qual é este problema a nível de minha comunidade, e o que é que nós podemos fazer a nível local para tentar dar uma resposta a esse problema. E aí que depois dos primeiros eventos, as pessoas começaram a se sentir um contexto não mais marcados pelo isolamento, pelo individualismo e sim começaram a descobrir outros que estavam trabalhando na mesma área. Eu não estou sozinho, o outro também

estã com o mesmo ideal, com as mesmas dificuldades, com os mesmos sonhos. Às vezes realizados e as vezes amplamente irrealizados. E as pessoas no fim dos eventos começavam a se perguntar: e agora passamos 3 dias juntos, identificamos caminhos, vimos que algo é possível fazer por esses meninos, mas depois como é que vamos ficar em contato? E assim que o 1º seminário que foi realizado em 82 no Paraná, desse seminário nasceu um grupo de pessoas que se auto-denominou Comissão Local para o menino de rua. O grupo local, o conselho comunitário, o conselho local e assim por diante. Dou esta diversificação de denominação evidentemente de lá para cá esses grupos se multiplicaram. Nós temos hoje 30 comissões para o menino de rua, cuja característica fundamental é a não representatividade das pessoas que os compõe. No grupo as pessoas mesmo oriundos de órgãos oficiais, mesmo oriundos da Febem dos municípios, da própria Funabem estão na comissão a título pessoal não representando seus respectivos órgãos de origem.

Um segundo instrumental, ferramenta de trabalho extremamente importante, a intuição inicial foi muito feliz, são os estágios. O que é o estágio? O estágio é a possibilidade que o projeto proporciona as pessoas de se deslocar de sua própria comunidade, para um programa particularmente interessante, vivenciando a metodologia daqueles programas diretamente uns dias, e tendo no fim do estágio a possibilidade questionar os responsáveis pelo programa. Geralmente quando as pessoas depois de um estágio voltam ao seu próprio programa, o programa sofre um processo de modificação. Em alguns casos são abertos novos programas, à luz de determinados princípios de que também vou falar.

O 3º instrumento de trabalho são os estudos específicos. O que são os estudos específicos? É um esforço do projeto de aprofundar determinados aspectos, que se constituem em dificuldades fundamentais para o programa, ou em pontos de estrangulamento. Vou dar 2 exemplos: 1º lugar a grande dificuldade dos programas que trabalham com o trabalho da criança é que elas na grande maioria, na sua totalidade estão atuando à margem da vigente legislação trabalhista. Como fazer para superar esta dificuldade. Então o projeto com ajuda de pessoas da comunidade e da área jurídica, levantou o problema e fez um estudo sobre trabalho da criança, e deu o título com a frase de um menino. "Eu preciso trabalhar". Este constituem as conclusões do estudo.

Outro problema, outro ponto de estrangulamento extritamente comum nos programas com meninos e meninas de rua. As crianças de rua não querem frequentar a escola

formal. Se recusam terminantemente. Porque isso? Se você perguntar a essas crianças elas respondem: "Porque eu não gosto". Esta é a resposta generalizada. Então vamos aprofundar este aspecto e ver se há alternativas, a esta postura dos meninos de rua que a meu ver demonstram uma excelente saúde mental. Se esse menino não quer ir a este tipo de escola ele está assumindo uma postura extremamente consciente e crítica. Mas nós aprofundamos o aspecto através de um estudo específico em cima de experiências de escolas alternativas que existem neste país até conseguirmos durante o arco de um ano realizar um estudo que a meu ver foi muito bem conduzido muito pautado na base não somente dos especialistas eram também pessoas atuantes a nível de crianças e saiu semana passada este estudo sobre educação alternativa, a gente ampliou o conceito. Do conceito de escolas, isto é de experiência, de programas concretos nós ampliamos o conceito de educação alternativa. Esta é a conclusão do estudo. Quis dar dois exemplos de estudos específicos e a documentação normal feita, produzida normalmente por todas as componentes do projeto não mais só pelas coordenações e que é distribuída a nível nacional diria a nível internacional e eu vou explicar também por que.

Esta documentação é feita de documentos escritos e de audiovisuais. Quando as 3 instituições concordaram em elaborar um projeto em conjunto, logo surgiu a questão financeira quem é que vai por o dinheiro? E o dinheiro ficou por conta da UNICEF. Durante 2 anos uma contribuição oriunda dos comitês da UNICEF do Canadá. Como aplicar este dinheiro? Vamos implementar programas que são bons e que estão dando bons resultados e que tem dificuldades econômicas ou vamos ajudar programas que ainda não são bons mas que se podem tornar eficientes.

Em 3º lugar a última alternativa, não vamos repassar dinheiro pra ninguém mas vamos tentar financiar todo esse movimento a nível nacional, Seminários, de estágios de estudos, de publicação e documentação. A meu ver foi esta uma instituição extremamente feliz porque este dinheiro está proporcionando as pessoas que jamais teriam tido possibilidade de se integrar a toda essa movimentação e de conhecer in loco vários e vários programas, até março deste ano, em dois anos e 3 meses tinham passado pelos Seminários e estágios cerca de 3.500 pessoas no Brasil. Toda essa movimentação financiada pelo projeto ou vamos dizer parcialmente financiada pelo projeto, p. que as pessoas também se movimentaram para que as próprias comunidades participassem dos custos, das despesas dessa movimentação, grande parte sustentada financeiramente pelo projeto e toda essa parte aqui também.

Agora tem um instrumento que eu acho que não veio hoje, mas que se demonstrou de uma utilidade imensa. Desde o início a gente começou a publicar um boletim com

informações telegráficas, notícias para deixar coeso o grupo que tinha iniciado a se movimentar. Esse boletim se chamava "Boletim sem nome" porque a gente estava estimulando as crianças e os adultos envolvidos nos programas a dar o nome. Então durante 4 números saiu boletim sem nome. No 5º número saiu o nome que ele ganhou da edição a nível nacional e hoje o boletim se chama a "Turma da Rua" foi este o nome que ganhou o maior número de votos. E o boletim também foi publicado em edição especial a umas duas semanas trazendo os resultados do evento muito importante que se realizou no Brasil em novembro do ano passado o 1º Seminário Latino Americano sobre meninos e meninas de rua, do qual participou a Região Latino Americana através de vários países desse continente, o Brasil que foi o país anfitrião porque também tinha a experiência maior na área e além disso participaram representantes das Filipinas e de Moçambique, dois países que se defrontaram com a mesma problemática de meninos e meninas de rua.

Eu vou parar um instantinho para fazer uma reflexão um pouquinho mais ampla Terezinha Saraiva ex-presidente da Funabem, em 1983, em depoimento ao Congresso Nacional, apresentou como jovens, crianças e adolescentes carentes no Brasil setembro de 83 a seguinte cifra: 32 milhões em 83, atingidos de uma maneira ou de outra por carência grave em 83 não de rua carentes 32 milhões.

O atual Presidente da Funabem em um de seus pronunciamentos deu novo número a dois anos de distância, 45 milhões de jovens, adolescentes e crianças atingidos de formas graves de carência no Brasil.

Vocês podem fazer um cálculo, só em São Paulo tem um milhão de meninos e meninas de rua, no Brasil quanto? Eu acho que seria um exercício também completamente destituído de utilidade se a gente aqui fizesse masturbação intelectual sobre o número de crianças carentes. Sabemos infelizmente que são muitos, e que no contexto latino-americano o Brasil detém um triste 1º lugar. A UNICEF calcula que na região latino-americana este número atinja a cifra de 40.000.000 de crianças, em todos os países da região latino-americana nos países mais carentes. E sabemos que o Brasil é o país que mais se defronta com este problema. Aconteceu, porém que se de um lado o Brasil detém este 1º lugar, ele tem um outro 1º lugar muito mais alentador. No contexto latino-americano, o Brasil é o país que dispõe de um maior número de comunidades facilmente mobilizáveis e participantes, Muito mais que em outros países da América Latina. Quando uma comunidade recebe um estímulo,

motivado e motivante, geralmente esta comunidade se engaja no trabalho em que ela descobre sua capacidade de participar.

Eu acho que 2 são os pontos fundamentais que eram uma comunidade a participar.

Em 1º lugar, a comunidade deve ser ajudada a fazer 2 tipos de descobertas. Essa foi a pregação constante do projeto.

A primeira descoberta, também tem sua parcela de responsabilidade pelas suas próprias crianças. Mas descobrir responsabilidade seria pelo menos angustiante, frustrante, e daí? Eu sou responsável, o que é que eu vou fazer?

A segunda descoberta tem a capacidade de tentar dar respostas adequadas aos seus próprios meninos e meninas de rua.

Vou contar um episódio que aconteceu em 79, num país irmão da América Latina, na Nicarágua, logo após a guerra Sandinista. Naquela altura, terminada a Revolução Sandinista, a comunidade começou a se arrumar, e chamou uns técnicos da UNICEF para verificar a situação das crianças naquele país. A UNICEF foi para lá, fez um rápido levantamento e descobriu que existiam cerca de 60.000 crianças geralmente, órfãos de guerra, em estado de abandono. Os técnicos voltaram para a sede da UNICEF para tentar montar um esquema de intervenção rápido, emergencial, arrumaram dinheiro e voltaram. Quando voltaram, refizeram rapidamente o levantamento e verificaram que só tinham 15.000 crianças abandonadas, no arco de poucos meses. Cadê as outras 45.000 crianças? Eliminadas? Mortas? Elas haviam sido espontaneamente sem nenhuma intervenção do governo e nenhuma campanha do governo sandinista, haviam sido espontaneamente assimilados pela comunidade. Quem tinha 3 botou mais 2 dentro de casa, quem tinha 2 mais um e assim por diante. A comunidade espontaneamente tinha tentado resolver o problema maior daquele momento. Crianças sem família. E não precisa ir muito longe, quem tem experiência de interior do Brasil, e todos vocês devem ter, vocês sabem perfeitamente que muitas famílias assimilam as crianças abandonadas, não passam por nenhum processo de registro de adoção e fazem a adoção mais linda, quer dizer, tu não tens pai, eu sou teu pai. Vem comigo. Isso é extremamente comum no norte e no nordeste e em qualquer região deste país. Quanto mais modesta a família, maior a disponibilidade para a ação desse tipo. Não sei se eu estou exagerando, mas acho que muitos de vocês devem ter a mesma experiência que eu já tive.

Bom, neste contexto, a comunidade deve descobrir seu papel, mas cadê o poder público? Imediatamente vem a objeção: Ah! mais uma vez a responsabilidade da

comunidade, então o Estado cruza os braços. Vocês querem descarregar a responsabilidade do problema e de sua solução em cima dos ombros da comunidade. Não é nada disso. Trata-se das duas componentes descobrirem claramente suas respectivas responsabilidades. Está amplamente provado, que diante dessas cifras e diante dessa realidade, a resposta tradicional da institucionalização das crianças está amplamente falida a nível mundial, e não brasileira. Trancafiar as crianças em casas de permanência é um crime, por dois motivos: 1º lugar - quando o poder público atende, o faz sempre de uma maneira extremamente impessoal, lenta, burocratizada, e prestem bem atenção, caríssima. E por ser cara é uma resposta evidentemente elitizante, isto é, a elitização da pobreza. Só poucos têm acesso a um tipo de atendimento desta natureza. Acontece que além de tudo isso, é um atendimento que não dá resultado. A característica fundamental dos meninos de rua, é que eles são grandes viradores, sabem se virar muito bem; são os heróis da sobrevivência.

Eu provavelmente na situação deles, sucumbiria às dificuldades da rua; e eles conseguem sobreviver. Agora, tira uma criança desse tipo da rua e bota numa casa de permanência. No arco de poucos meses essa criança que sabia se virar se torna dependente, destituída de iniciativa, não sabe e não pode participar de seu próprio processo de educação, e quando for demitida da casa, e restituída à sua própria comunidade, não tem outra alternativa: ou sucumbe eliminada, morta, assassinada no asfalto daquela rua que antes foi a única mãe que ela encontrou na vida, ou fica trancafiada atrás das grades de uma penitenciária, porque já alcançou os 18 anos de idade. Eu diria que posso colocar em evidência agora, os princípios que o projeto extraiu da prática que apresenta como os princípios fundamentais sobre os quais um programa de atendimento a meninos e meninas de rua, deveria se basear, baseado na experiência dos outros. Veja bem: não foram inventados pela coordenação do projeto, foram apreendidos com quem estava fazendo. Para que um programa de atendimento a meninos e meninas de rua seja bem sucedido, é indispensável que esse programa seja capaz de gerar renda. Não esqueçamos que os meninos estão na rua em busca de tutu. Então se chega alguém e diz: vamos para uma casa de permanência, onde você vai estudar 4 horas por dia, vai brincar 2 horas... O menino fica 24 horas e se manda. Mais uma manifestação de ótima saúde mental! O menino está precisando ganhar dinheiro rapidamente! Curso de profissionalização de 3 anos, 4 anos, série metódica, e sujeira desse tipo, não servem para meninos e meninas de rua. O princípio é aprender com quem sabe. Quando o menino de rua decide sair da rua e ingressar num programa, ele precisa ganhar desde o primeiro instante, aprendendo com o colega mais velho. Não ficando sentado

numa sala de aula ouvindo profissionalização teórica. Ele tem que aprender no tear junto com outro que sabe tecer. Tem que aprender a fazer móveis junto com outro que já sabe. Agora, se vocês quiserem ficar com meninos de rua 4 horas embutindo a cabeça dele de noções é evidente que ele não aguenta, ele está acostumado a viver sobre o único teto que fica na cabeça dele que é o céu e o único piso que é o asfalto da rua.

Segundo princípio que nós aprendemos com quem está trabalhando com meninos de rua, é ouvir o menino. Isto é, a participação ativa da criança em todas as etapas do processo educativo. Palavras difíceis para dizer uma coisa extremamente simples. Essas palavras difíceis foram do projeto, porque quem está trabalhando na rua diz simplesmente: bota o menino na rua para participar também. O que significa isso? (Daqui há pouco vou dar a palavra para Lídia que vai continuar). O que significa isso? Significa o seguinte: que o adulto não pode ter a presunção de poder preparar um programa de acordo com as reais necessidades da criança, sem envolver a mesma no processo, até de elaboração. Os programas que nós conhecemos, todos eles ocupam a criança desde o 1º instante da abordagem na rua até a administração e a gerência do próprio programa. Eu vou dar um exemplo para vocês. Certamente muitos de vocês devem estar pensando: mas como é que nós vamos abordar o menino na rua para começar este processo? Antes de nos preocuparmos com este aspecto, alguns programas que anteriormente ao projeto já tinham esta prática de estar na rua, e não no gabinete atrás de uma mesa esperando que o menino de rua vá procurá-lo. Dois programas tinham uma figura nova e revolucionária de educador. O educador de rua, hoje comum a mais de 12 estados brasileiros. Antes somente 2 experiências tinham: São Paulo e Belém do Pará. Hoje em 12 estados já existe esta figura nova e revolucionária de educador. Quem é o educador social de rua? Se quiserem saber mais tem um pequeno estudo feito por eles mesmos não antes mas, depois de ter passado 2 anos na rua, que significa ser educador social de rua. Geralmente se trata de gente nova, jovens, moços, rapazes que se dispõem a caminhar juntamente com meninos e meninas de rua e o momento mais difícil, mais delicado, o momento mágico é aquele da primeira abordagem, o primeiro contato adulto X criança. Como isso acontece? Da maneira mais diversificada, para que vocês entendam, tem um programa que chama isso de operação amizade, isto é, esses vão para a rua, estimulam com a sua presença, eu diria mais, provocam a reação dos meninos com sua presença, que é provocativa até chegar ao diálogo, um questionamento da vida de rua. E quando o menino decide sair da rua para ingressar num programa a escolha terá sido dele, inteiramente dele, auxiliado pelo adulto educador evidentemente. Mas a escolha lhe pertence. Não é a escolha impositiva, repressiva, às vezes policiaisca de instituições. E quando o menino entra no

programa em meio aberto com estes princípios operacionalizados, esta criança nunca vai sair. Vocês podem se admirar até duvidar, mas os programas que operacionalizam estes princípios nunca se defrontaram com problemas de evasão, nunca. Agora, antes de levar um menino para o programa, às vezes passam 4,5,6 meses na rua, porém o programa é dele ou a escolha é dele.

Queria contar um episódio para vocês terem uma primeira idéia do que significa para essas pessoas passarem o tempo na rua, se a rua é extremamente seletiva com as crianças, é um ambiente extremamente cruel e seletivo com os adultos também, que se disponham a trabalhar nesta área. São os mais fortes ficam, os outros são eliminados inexoravelmente pela extrema dificuldade da vida de rua. Quem trabalha na rua geralmente aconselha sempre nunca ir sozinho para a rua. É tão desgastante a experiência de rua, é tão chocante que precisa de um apoio recíproco entre os educadores de rua. Em São Paulo essa experiência começou a 5 anos atrás, quando esses jovens começaram a sair na Praça da Sé, na Av. São João, no Ipiranga, na Praça da República, na Sete de Abril, etc., pontos de concentração dos garotos de rua de São Paulo.

Um dia do ano passado a polícia de São Paulo fez uma operação "Pente Fino" e os meninos da Praça da Sé apelidaram de operação "Cata Pobre" e foram para o camburão 102 crianças mais 3 educadores de rua foram no bolo também. Todo mundo para a delegacia, depois dos educadores de rua terem se identificado como gente da Pastoral do Menor, Pastoral Ecumênica não é só da Igreja Católica. A Pastoral do Menor engloba a Igreja Católica, a Metodista, a Anglicana, a Luterana e o Movimento Espírita. Eles conseguiram mobilizar a Febem de São Paulo, assessoria jurídica da Febem até que depois de várias horas os meninos foram liberados. E um dia depois os educadores foram para a Praça da Sé e encontraram a mesma turma, todo mundo correu para os educadores e eles mandaram sentar em círculo, eu estava presente neste dia. A certo momento um educador perguntou aos meninos: o que é que vocês acham porque que a gente fez isso? Um gurizinho respondeu: "Ah, porque a prisão foi injusta". Sem dúvida, mas no fundo porque que a gente fez aquilo, brigou com o delegado, ligou para a Febem, chamou os advogados, etc.? Um gurizinho de 8 anos respondeu: "Porque nós e vocês semos amigos". A chave para se estabelecer o tipo de relação que havia se estabelecido entre adulto e criança o garoto deu. Não precisa de nenhum tratado de pedagogia de rua para entender que é isto mesmo que os meninos estão precisando.

Conclusão, nós não estamos mais sozinhos não. A figura do adulto é uma figura infelizmente para as crianças, geralmente negativas. Vejam bem, vocês entendem

isso perfeitamente. Desde o seio materno essas crianças normalmente são rejeitadas, não desejadas, não esperadas. Quando nascem, um pai e uma mãe que por sua vez são vítimas de uma situação de injustiças, pai sem paciência, mãe agressiva; não estou acusando, estou constatando, porque também acho que esses pais são vítimas de uma situação. Depois, mais tarde na rua, o colega mais velho que o agride, o policial, mais tarde na instituição, o monitor (o adulto sempre foi uma figura negativa). Então quando começa apresentar a essas crianças figuras de adultos com um "aspecto diferente", é claro que elas levam tempo antes de aceitá-los.

Esmola grande o santo desconfia, não é? Então, o menino que só está acostumado a apanhar quando encontra gente que sabe sorrir, gente que sabe dialogar evidentemente antes de acreditar leva tempo. O pessoal de São Paulo chama este momento mágico da primeira abordagem de uma maneira muito poética e muito realista, acho. Eles dizem, é operação namoro. Este momento é feito de olhares, de caretas, de sorrisos, de cara feia... Quem sabe namorar sabe perfeitamente o que é tudo isso. Namoro não tem nada mais bonito do que isso. Então, me parece que feita esta comunicação muito superficial da mensagem fundamental do projeto, eu acredito que dentro do contexto de toda a ação do Mobral, reforçada pela atual responsabilidade que o Mobral tem de colaborar com o sistema formal de ensino, para abrir suas portas aos adolescentes de 7 a 14 que tenham sido excluídos do atendimento da escola formal, me parece que o projeto meninos de rua e o Mobral têm muito a realizar em conjunto. O Mobral oferecendo sua estrutura municipalizada, que é uma das poucas instituições neste país que consegue capilarmente chegar à base da comunidade, a sua estrutura de recursos humanos que são todos constituídos de educadores; e nós acreditamos nessa proposta dentro de um contexto de educação, de pedagogia, de participação mesmo quando se diz que criança pode e deve trabalhar. Mesmo a educação para o trabalho que sirva não tanto para educar, preparar para o exercício de uma profissão, o exercício de um ofício quanto para criar hábitos nos meninos. Para que eles sejam no mundo do trabalho quando mais tarde nele ingressarem, sejam agentes de transformação das relações de trabalho. E isso já está acontecendo a níveis extremamente modestos, extremamente inicial, mas meninos que passam por uma experiência pedagógica onde eles são respeitados, reconhecidos como trabalhadores, são meninos que são capazes de respeitar e de se fazerem respeitar dentro do mundo das relações do trabalho. Neste contexto eu vejo muita possibilidade de trabalho em conjunto para que mais meninos e meninas de rua sejam atendidos através da presença, da ação educativa do Mobral.

Queria terminar colocando à disposição de vocês o projeto meninos e meninas de rua, cuja coordenação está sediada aqui no Rio de Janeiro. A Lídia é uma das colegas da coordenação, poderá se colocar em contato com vocês, dando endereço, telefone e a disponibilidade da coordenação toda, inclusive, estamos já pensando neste grupo misto de trabalho, Unicef X Mobral, na possibilidade de organizar um evento específico para as pessoas do Mobral, em seminário deste tipo com a participação de outros elementos da comunidade para que vocês sintam e participem também a nível concreto, como partir para um atendimento mais generalizado para meninos e meninas de rua. A equação básica, a fórmula básica para atendimento desta criança, para que o programa seja atrativo e dê respostas concretas para esses meninos, é o seguinte:

Em primeiro lugar, produção de boa qualidade, quando não são atendidos na rua, quando o programa já se estrutura, tem que produzir coisas de boa qualidade (eu vou explicar porque depois).

Segundo, deve ser capaz de comercializar o produto.

Terceiro, remunerar o menino e quarto providenciar a sua própria auto-sustentação.

Sem esta perene e eterna dependência das verbas dos órgãos oficiais.

Quando eu falo de produto de boa qualidade eu me refiro à experiência que todos vocês devem ter. Todos nós estamos acostumados a participar das feirinhas de beneficência, onde tem coisinhas feitas pelos meninos abandonados. Então as madames, todo mundo compra, chega na esquina e joga aquilo que comprou na lata do lixo, porque efetivamente se trata na grande maioria dos casos, de verdadeiras porcarias, que nem merecem ser compradas. Então porque o povo compra? Acaba tudo nas feiras de beneficência. Por que? Porque as pessoas têm pena das criancinhas abandonadas. E eu pergunto a vocês, cadê o respeito pelas crianças, cadê a auto-estima deste menino; cadê a capacidade do adulto reconhecer; não uma criança abandonada e sim um menino que está produzindo com a sua criatividade, com a sua capacidade, algo que é bonito, útil e que mereça portanto ser comprada. Portanto o produto que é vendido deve se revestir destas características, para que o menino seja encarado; não como um vagabundo de rua, e sim como um trabalhador, um que está produzindo de acordo com suas possibilidades psíquicas, fisiológicas, emocionais e etc.

Eu gostaria que cada um de nós hoje saísse daqui com uma reflexão fundamental. Depois tire as conclusões que achar melhor. Nós estamos acostumados a ouvir e ver esses meninos e meninas de rua tratados e apelidados de assaltantes, pivetes, mirins, ladrões, trombadinhas... A minha última indagação é sob a forma de pergunta, a mim em primeiro lugar e a cada um de vocês. Será que assaltante, ladrão, mirim, trombadinha não é um país que ainda não aprendeu a cuidar de suas próprias crianças? Será que um pouquinho de tudo isso não somos nós que ainda não enxergamos que essas crianças como aquelas da Nicarágua, como aquelas de São Paulo, de Recife, de Manaus, de Porto Alegre, do Rio de Janeiro, também são um pouquinho como todas essas pessoas nos ensinaram a aprender, são elas também um pouco filhos de todos nós, e não filhos só da miséria, da injustiça, do abandono e do descaso dos outros. Nós também somos responsáveis e eles também são um pouquinho filhos de todos nós.